
Uma contribuição da filosofia da linguagem de Volóchinov para os estudos semióticos *

Marco Antonio Villarta-Nederⁱ

Fábio Luiz de Castro Diasⁱⁱ

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir como a filosofia da linguagem de Volóchinov (2017 [1929]) pode apresentar uma contribuição aos estudos semióticos, sobretudo em seu caráter filosoficamente sociológico. Em primeiro lugar, partimos de uma definição da perspectiva *histórico-epistemológica* que caracteriza a nossa reflexão, e evidenciamos um dos momentos em que a filosofia volochinoviana explicitamente esteve presente na obra de Lúri Lotman [1922-1993], um dos mais importantes semioticistas da história desse campo. Em segundo, caracterizamos o sociologismo das décadas de 1920 e 1930 da URSS em que Volóchinov atuou cientificamente, fator que muito contribuiu para que a sua filosofia da linguagem pudesse assumir uma postura epistemicamente sociológica. Por fim, passamos a discutir, após um breve debate sobre o *primado filosófico da interação social* que é pressuposto por tal filosofia, como o conceito de *enunciado* de Volóchinov (2017 [1929]) pode servir como ponto de partida para uma semiótica que se queira sociológica. Antes de mais nada, este artigo pretende-se uma contribuição à defesa da *lógica interdisciplinar* no campo dos estudos da linguagem, além de um trabalho que se deseja participante de um movimento de abordagem epistemológica e histórica das ideias.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin; Volóchinov; sociologismo; semiótica.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2023.212659>.

ⁱ Professor Associado do Departamento de Estudos da Linguagem da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas, Educação e Letras da Universidade Federal de Lavras (DEL-FAELCH-UFLA), Lavras, MG, Brasil. E-mail: villarta.marco@ufla.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3857-3720>.

ⁱⁱ Mestrando em Letras pela Universidade Federal de Lavras, com bolsa CAPES, Lavras, MG, Brasil. E-mail: castrodias.f.l@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6755-1048>.

Introdução

A importância da teoria filosófica de Valentin Nikoláievitch Volóchinov [1895-1936] para a realização de diversas discussões nas ciências da linguagem, principalmente no contexto acadêmico-científico brasileiro, pode ser mensurada a partir da profusão de trabalhos que, ou tangenciam as suas temáticas centrais, ou se baseiam nos fundamentos estabelecidos pela sua teorização a fim de desenvolver uma metodologia de análise (Costa, 2017). Ela também pode ser atestada pelas recentes traduções, para a língua portuguesa, das principais obras volochinovianas, como, a título de exemplo, o seu livro *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (2017 [1929]) – *MFL*, doravante –, cuja tradução, realizada a partir da primeira e da segunda edições russas, foi concebida pelas pesquisadoras e professoras Sheila Grillo (USP) e Ekaterina Vólkova Américo (UFF).

Entre os muitos temas desenvolvidos em *MFL*, aquele que toca diretamente o problema da *alteridade na linguagem*, sob uma ótica e uma terminologia especificamente *sociológicas*, é talvez uma das maiores contribuições do filósofo russo para os estudos linguísticos e literários em geral. Ao desenvolver uma reflexão sobre uma espécie de *condição histórico-social de possibilidade* do ato de linguagem, entendida como a atividade dos *indivíduos sociais* em um espaço cotidiano situado *dialeticamente* entre a *base socioeconômica* e a *superestrutura ideológica*, com uma ênfase no caráter *interacional* que estrutura todo o edifício da *consciência individual* e do *enunciado concreto* em termos de *interação social* e de *comunicação discursiva* (Volóchinov, 2017 [1929]), o filósofo russo permite recolocar o *sujeito*, a *história* e a *ideologia* no centro das preocupações dos estudos da linguagem.

Tendo em vista, assim, a importância da sua teoria filosófica, bem como da repercussão do seu mencionado livro no cenário intelectual brasileiro, o artigo aqui proposto objetiva apresentar e discutir como o conceito de enunciado da filosofia da linguagem volochinoviana ainda pode contribuir com os estudos semióticos. Além do conceito de enunciado, serão destacados e focalizados, ao mesmo tempo, aqueles que a ele se ligam sistematicamente no plano epistêmico da filosofia de *MFL*, tais como os de *interação discursiva*, *auditório social* e *horizonte valorativo/social*, sempre levando em consideração o *caráter sociológico* dos seus fundamentos.

Em primeiro, contudo, apresentaremos uma pequena introdução à problemática das origens, ligada à perspectiva histórico-epistemológica que defendemos, bem como abordaremos um momento do percurso dos estudos semióticos em que diretamente esteve presente a reflexão volochinoviana. Em

seguida, a fim de evidenciar o fundamento histórico do primado filosófico da interação social na sua filosofia, trataremos brevemente do *sociologismo* que caracterizou as ciências da linguagem na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) das décadas de 1920 e 1930. Após, passaremos a uma discussão do primado da interação social na reflexão filosófica volochinoviana. E, por fim, destacaremos em quais aspectos o conceito de enunciado pode figurar-se ainda como uma contribuição aos estudos semióticos.

Este artigo, tal como se propõe, quer-se um subsídio à atitude interdisciplinar no campo dos estudos da linguagem em geral, com o objetivo tanto de atender uma demanda relacionada à necessidade de serem pensados os alcances e os limites da perspectiva filosófica de Volóchinov para um campo tão próximo como a semiótica, quanto de evidenciar os momentos em que relativamente contribuiu o filósofo russo para o desenvolvimento dessa ciência e como ainda é capaz de fornecer um conjunto de premissas que pode ser viável a quem pretende enveredar-se por uma perspectiva sociológica.

2. A questão das origens e o encontro epistêmico entre Lotman e Volóchinov

Tratar do campo multifacetado dos estudos semióticos requer de quem o faz uma postura cuidadosa diante de um desafio tão complexo. Cada redefinição de seus contornos, a reconstrução da tessitura de suas tramas, seus vieses, em um conjunto crescente de percursos analíticos e de apostas axiomáticas, *re-historiciza* e refunda percursos pregressos. Tal como diz Jorge Luís Borges [1899-1986], parafraseando Thomas Stearns Elliot [1888-1965], “[...] cada escritor cria seus precursores. Seu trabalho modifica nossa concepção de passado, como há de modificar o futuro” (Borges, 1989 [1951], p. 712, tradução nossa).¹

Se pensado do ponto de vista de uma possível gênese histórico-cultural, a semiótica pode ser representada como uma tradição que remonta, mais sistematicamente, ao pensamento de Platão e de Aristóteles. Este último, em sua obra *Περὶ Ἑρμηνείας – De Interpretatione*, título latino pelo qual ficou mais conhecida –, inicia a discussão apontando que a *palavra oral é símbolo das afecções da alma* (Aristóteles, 2013). Logo mais adiante, conclui que “por natureza nada pertence aos nomes, mas vem a pertencer quando se torna símbolo” (Aristóteles, 2013, p. 5, 16a).

No entanto, seria anacrônico demais afirmar que Platão e Aristóteles seriam os iniciadores dos estudos semióticos. Tzvetan Todorov [1939-2017], em sua obra *Teorias do símbolo* (2014), ao tentar tratar da questão ligada às

¹ No original: “[...] cada escritor crea a sus precursores. Su labor modifica nuestra concepción del pasado, como ha de modificar el futuro” (Borges, 1989 [1951], p. 712).

origens, sinaliza como um início mais provável dos *estudos simbólicos* as discussões de Agostinho, não sem antes ponderar que estamos “[...] diante de um discurso cujo objetivo é o conhecimento [...] e o fato de que seu objeto é constituído por signos de espécies diferentes (e não só de palavras, por exemplo)” (Todorov, 2014, p. 17).

Há quem localize em autores medievais um *prenúncio epistêmico* dos estudos semióticos, principalmente em Guilherme de Ockham [1287-1347] ou em Duns Scoto [1266-1308]. Ao analisar o *De Interpretatione*, o primeiro coloca, por exemplo, o símbolo já na instância das afecções da alma. Na visão de Oliveira (2010, p. 201), isso impele Ockham a dizer que “[...] as vozes não tomam o lugar das afecções da alma como se as proferissem. Em vez disso, as vozes assumem a mesma função significativa que é própria das afecções da alma”.

A tentativa de fazer tais percursos poderia ser longa, mas a profusão de *caminhos que se bifurcam*, para usar outra expressão borgeana, pode levar a lugar nenhum. Portanto, a compreensão dos percursos dos campos do conhecimento é sempre um exercício que pode ser feito a partir de muitos tipos de abordagem. Mas, de uma perspectiva histórico-epistemológica, tais trajetórias se revelam sempre como um *devir dialético e dialógico*, em que as influências, os diálogos e as polêmicas são vistos como instantes constitutivos de construção de uma teoria ou de um experimento.

É ainda dentro dessa perspectiva que surge um olhar que entende como uma *episteme*, um conhecimento fundamentado e que se pretende justificado, é uma *esfera* em desenvolvimento contínuo, mesmo que o seu estágio posterior seja uma *antítese negativa à tese* que anteriormente propusera. A marcação dos momentos históricos, cronologicamente delimitados, é parte também de uma postura analítico-teórica que se quer atenta às formas de realização de um campo e deve sempre estar presente, mesmo que de modo implícito.

É sob tal perspectiva que buscamos entender um ponto particular que compõe o tema deste artigo: em quais momentos se fez presente a filosofia volochinoviana no percurso de desenvolvimento dos estudos semióticos? Entre os diversos em que poderíamos nos deter, um parece ser relativamente mais importante para o nosso ponto de vista histórica e epistemologicamente contemporâneo e que se pretende arraigado historicamente à conjuntura russa e soviética: aquele que diz respeito à referência feita por Lotman ao livro *MFL* – portanto, ao pensamento teórico volochinoviano.

Que seja um entendimento unânime a importância da *semiótica da cultura* de Lotman para a história das ideias, não nos restam dúvidas. A variedade e a complexidade dos temas a que se dedicou tornam a sua obra, às vezes, de difícil classificação. Como é dito por Américo (2012, p. 26): “a área de sua atuação foi tão ampla que é impossível definir em uma palavra qual teria sido sua ocupação principal: semioticista, estudioso da literatura e cultura, historiador?”. Isso, porém,

não vem anular a qualidade da atividade científico-filosófica de Lotman. Ao contrário, é um traço, tal como ainda fala Américo (2012), da *interdisciplinaridade* que caracterizou a atividade científica do semiótico russo.

Além da sua produção pessoal, Lotman, após se mudar, em 1950, para Tartu, cidade estoniana, também se envolveu com a fundação e o desenvolvimento da Escola de Semiótica de Tartu-Moscou, de que foi líder e em que trabalhou conjuntamente com outros tantos pensadores que o ajudaram a continuar a construção e a difusão da semiótica da cultura. Foi mais exatamente na década de 1960 que, de acordo com Américo (2012, p. 52),

Lotman se interessa cada vez mais pelos conceitos do estruturalismo em geral e pela nova ciência formada com a base neles: a semiótica. Na mesma época, Lotman se aproximou dos linguistas e estudiosos da literatura de Moscou: em dezembro de 1962 na capital soviética, teve lugar o Simpósio de estudo estrutural dos sistemas sógnicos que tocava nos mais variados assuntos, como semiótica da linguagem e arte, mitologia e semiótica do ritual. Do simpósio participaram Piotr Bogatyriov, Viatcheslav Ivánov, Vladimir Toporov, Andrei Zalizniak, entre outros.

É aí que se localiza o momento histórico de uma parceria acadêmico-científica à qual se deu posteriormente o nome de Escola Semiótica de Tartu-Moscou. Tal grupo tão diverso em seus interesses epistêmicos é o que deu origem às principais produções da semiótica da cultura,² para cuja formação confluíram tanto influências das ciências linguísticas e humanas ocidentais, quanto russas e soviéticas, particularmente (Américo, 2012). Entre aqueles que compuseram o rol de pensadores cuja influência foi intensa sobre Lotman e os seus companheiros, segundo Américo (2012), encontram-se Mikhail Bakhtin [1895-1975] e os que com ele compuseram círculos intelectuais de debates e de criação teórica, especialmente Pável Medviédev [1891-1938] e o próprio Volóchinov.

Uma das menções explícitas que Lotman faz à obra de Volóchinov – à época, porém, atribuída a Bakhtin³ – encontra-se em *El texto en el texto*, de 1981, que está em *La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto* (1996). Ali, ao discutir as características do método de análise do texto literário de Vladimir Propp [1895-1970], contrasta-o com o que é apresentado em *MFL*, de modo a evidenciar as suas diferenças constitutivas.

² Para mais informações sobre tal escola, cf. Machado (2003) e Américo (2012).

³ A autoria de *MFL* era – e ainda é, em alguns lugares – atribuída a Bakhtin. Trata-se de um livro que faz parte do conjunto de *obras de autoria disputada*. Aqui, contudo, assumimos a posição de Grillo (2017), que concorda que *MFL* tenha por autor Volóchinov. A pesquisadora, além de basear-se em fontes históricas robustas, fundamenta a sua perspectiva, assim como muitos outros estudiosos do ramo o fazem, no fato de a primeira edição soviética da referida obra ter saído sob o nome de Volóchinov. Para mais informações sobre esse assunto, cf. Grillo (2017).

Se o método de Propp objetiva calcular, a partir de diferentes textos – depois de tê-los apresentado como um feixe de variantes de um só texto –, esse único texto-código em que se baseiam, o método de Bakhtin, a partir de *Marxismo e da filosofia da linguagem*, é o oposto: em um único texto se destacam subtítulos não somente diversos, mas também – o que é particularmente essencial – intraduzíveis entre si. Revela-se no texto sua conflitividade interna. Na descrição de Propp, o texto tende a um caráter equilibrável pancrônico: precisamente por se examinarem os textos narrativos, percebe-se sobretudo que, na realidade, não há movimento: só há uma oscilação ao redor de alguma norma homeostática (equilíbrio – violação do equilíbrio – restauração do equilíbrio). Na análise de Bakhtin, a inevitabilidade do movimento, da mudança, da destruição, está latente até na estática do texto. Por isso, este tem um *sujeito* mesmo nos casos em que se pareceria estar muito distante dos problemas do *sujeito*. A esfera natural para o texto vem a ser, segundo Propp, o maravilhoso conto folclórico [*skazka*], e, segundo Bakhtin, o romance e o drama (Lotman, 1996 [1981], p. 67, grifos do original, tradução nossa).⁴

Apesar de tratar em termos de *texto* o que em *MFL* é apresentado como uma questão de enunciado (**высказывание** – *viskázivanie*), Lotman aos poucos aí alcança, todavia, um entendimento demasiadamente particular do problema da alteridade na linguagem que faz parte do conjunto de preocupações epistêmicas do *dialogismo* bakhtiniano e volochinoviano. No dialogismo de que tratam Bakhtin e Volóchinov, o que se encontra em jogo não é apenas a *inter-relação* entre textos. É algo mais: é a questão do *sujeito* que se constitui na linguagem compreendida como comunicação discursiva (Volóchinov, 2017 [1929]), de um sujeito condenado a estar sempre em contínua *relação discursivamente dialógica* através dos enunciados que produz e de depender do *outro* para constituir-se como tal. É por essa razão que, como aponta Lotman (1996 [1981]) no trecho acima, *há sujeito mesmo quando se parece estar longe de qualquer indício de um problema a ele relacionado*.

É assim também que, na sequência, conclui Lotman (1996 [1981], p. 68, tradução nossa):

⁴ No original: “Si la metódica de Propp está orientada a calcular, a partir de diferentes textos —después de haberlos presentado como un haz de variantes de un solo texto—, ese único texto-código en que se basan, la metódica de Bajtín, a partir de **El marxismo y la filosofía del lenguaje**, es la opuesta: en un único texto se aíslan subtítulos no sólo diversos, sino —lo que es particularmente esencial— intraducibles el uno al otro. Se revela en el texto su conflictividad interna. En la descripción de Propp, el texto tiende a un carácter equilibrado pancrónico: precisamente por el hecho de que se examinan textos narrativos, es particularmente perceptible que, en realidad, no hay movimiento: sólo hay una oscilación alrededor de alguna norma homeostática (equilibrio — violación del equilibrio — restablecimiento del equilibrio). En el análisis de Bajtín, la inevitabilidad del movimiento, del cambio, de la destrucción, está latente hasta en la estática del texto. Por eso, éste tiene **sujet** hasta en los casos en que parecería estar muy lejos de los problemas del **sujet**. La esfera natural para el texto viene a ser, según Propp, el cuento maravilloso folclórico [**skazka**], y según Bajtín, la novela y el drama” (Lotman, 1996 [1981], p. 67, grifos do original).

Seja esse "de fora" outro texto, seja o leitor (que também é "outro texto"), seja o contexto cultural, é preciso que a possibilidade potencial de gerar novos sentidos, encerrada na estrutura imanente do texto, torne-se realidade. Por isso, o processo de transformação do texto na consciência do leitor (ou do pesquisador), bem como a transformação da consciência do leitor introduzida no texto (na verdade, temos dois textos em relação de incorporação/enquadramento, veja-se mais adiante), não é uma desfiguração da estrutura objetiva da qual devemos apartar, mas a revelação da essência do mecanismo em seu processo de trabalho.⁵

O modo como considera o texto enquanto uma manifestação humana no seio da cultura, que está sob as injunções da alteridade que fundamenta a sua existência como uma *unidade dinâmica*, é talvez uma das marcas mais prementes da participação da filosofia volochinoviana – e bakhtiniana – na teoria do semiótico russo. Visto do ângulo histórico-epistemológico, a reconhecida influência epistêmica de *MFL* sobre o pensamento lotmaniano aí patente reflete-se sobretudo em trabalhos subsequentes, como, no contexto acadêmico-científico brasileiro, em Machado (2003). Assim é que nos aparece Volóchinov como um dos pontos de *gênese* ou de motivação de determinados aspectos teóricos da semiótica de Lotman. Esse ponto vem servir como um preâmbulo à nossa discussão subsequente. Ao mesmo tempo, evidencia como a aproximação da semiótica com a filosofia de Volóchinov foi feita já no interior de uma das suas fontes, o que justifica o percurso que aqui procuramos fazer.

Agora, a fim de procurarmos entender mais de perto o caráter particularmente sociológico da reflexão filosófica volochinoviana, para, posteriormente, apontarmos como a sua perspectiva ainda pode ser epistemicamente viável aos estudos semióticos, teceremos uma breve consideração sobre o sociologismo que caracterizou a conjuntura em que se formou a filosofia de Volóchinov.

3. O sociologismo nas ciências da linguagem na URSS das décadas de 1920 e 1930

O que podemos chamar de *movimento sociológico* que marcou as ciências da linguagem nas décadas de 1920 e 1930 na URSS pode ser duplamente interpretado, a partir de duas visões axiologicamente hermenêuticas a respeito das suas causas e das formas do seu desenvolvimento. Em primeiro lugar,

⁵ No original: "Sea eso «de afuera» otro texto, o el lector (que también es «otro texto»), o el contexto cultural, es necesario para que la posibilidad potencial de generar nuevos sentidos, encerrada en la estructura inmanente del texto, se convierta en realidad. Por eso, el proceso de transformación del texto en la conciencia del lector (o del investigador), al igual que el de transformación de la conciencia del lector introducida en el texto (en realidad, tenemos dos textos en una relación de incorporados/enmarcantes; véase más adelante), no es una desfiguración de la estructura objetiva de la que debemos apartarnos, sino la revelación de la esencia del mecanismo en su proceso de trabajo" (Lotman, 1996 [1981], p. 67).

podemos entendê-lo como um *projeto ideológico*, motivado pelo marxismo soviético ali em voga, sobretudo por aquela vertente encabeçada por figuras intelectuais como Georgi Plekhánov [1856-1918], Nicolai Bukhárin [1888-1938] e pelo conhecido líder soviético Vladímir Lênin [1870-1924].

Em segundo, podemos concebê-lo como um *itinerário epistemológico* que buscava construir, a partir daquele projeto ideológico e da assunção de outras perspectivas advindas da *sociologia ocidental* em desenvolvimento (Lähteenmäki, 2010), uma *ciência estritamente marxista* ou *amplamente sociológica da linguagem*. De todo modo, esses dois pontos de vista parecem ser dialeticamente complementares, vez que, naquele momento, mais do que em qualquer outro período da história das ideias, as tentativas de reconstrução das ciências humanas em geral eram, de maneira quase hegemônica, axiologicamente motivadas pelas interpretações singularmente soviéticas do *materialismo histórico-dialético*.

Contudo, mais do que apenas uma tentativa de conciliação superficial entre as teorias linguísticas e o pensamento marxista ou as contribuições epistêmicas da sociologia ocidental, o sociologismo desse período materializou ativamente um programa cujo maior objetivo era o de realizar uma efetiva fundamentação das ciências a partir dos vetores axiológicos do que chamamos de *sociologismo marxista*, assim como de bases teóricas da sociologia. Nesse sentido, o sociologismo nas ciências da linguagem pode ser visto como um *reflexo refratado* (Volóchinov, 2017 [1929]) do sociologismo geral que caracterizava tanto a conjuntura histórica e social mais ampla daquele período, quanto o contexto discursivo em que se inseria e se delimitava a atuação dos seus adeptos. Nessa toada, obras como *Para uma linguística marxista* (1931) (*Za marksístskoie iazykoznaniiè*),⁶ de Ievgueni Polivánov [1891-1938], e *Língua/Linguagem e sociedade* (2010 [1926]) (*Iazyk i óbchiestvo*),⁷ de Rosália Chor, compõem com *MFL* um quadro bastante exemplar, mas epistemologicamente heterogêneo e difuso da natureza do sociologismo dos anos 1920 e 1930 na URSS.

De acordo com Lähteenmäki (2010), o fundamento básico desse sociologismo era a compreensão de que o fenômeno da linguagem é de realidade estritamente social, atravessado por todos os fatores socioeconômicos que afetam e determinam a estrutura ideológica da sociedade, de uma forma ou de

⁶ Em russo, *За марксистское языкознание*.

⁷ Em russo, *Язык и общество*. A palavra russa *язык* (*iazyk*), nesse contexto particular, pode significar tanto língua, quanto linguagem. É por isso que traduzimos o título desse livro como *Língua/Linguagem e sociedade*. Uma questão que devemos considerar é a de que essa obra da linguista Chor é absolutamente singular em comparação com outras daquele contexto, justamente porque pode estar axiológica e epistemologicamente mais próxima da escola francesa de sociologia, sob a influência de Antoine de Meillet [1866-1936] e de Ferdinand de Saussure [1857-1913] (Lähteenmäki, 2010). A leitura de Chor enfatizou a ideia de *língua como um fato social*, trazendo para si algumas marcas da sociologia durkheimiana que fundamentam a obra de Meillet. Chor, a partir desses fundamentos, buscou correlacionar as mudanças e as diferenças linguísticas internas a uma língua com fatores de ordem social, fatores esses ligados diretamente às estruturas da sociedade em que a língua é usada.

outra. Tinha-se em mente que a linguagem se comporta como os demais *fenômenos da superestrutura* e que, logo, estaria submetida às injunções e aos movimentos da *infraestrutura*. Embora bastante diverso em suas configurações e em seus fundamentos epistemológicos, em seus interesses epistemicamente objetivos e em seus métodos de abordagem dos fenômenos linguísticos, esse sociologismo, todavia, acabou por tornar-se relativamente um *lugar-comum* (Lähteenmäki, 2010). As causas da sua formação estão particularmente associadas à configuração da conjuntura histórica e social daquele período:

Em primeiro lugar, as dramáticas mudanças sociais e econômicas causadas pela Revolução se refletiram na língua russa, tornando evidente que a língua/linguagem e a sociedade estão intimamente conectadas. Em segundo, muitos linguistas soviéticos – como estudiosos de outras disciplinas acadêmicas também – sentiram a urgência de desenvolver uma nova abordagem marxista para o estudo da linguagem em oposição às teorias “burguesas” anteriores (Lähteenmäki, 2010, p. 35, tradução nossa).⁸

A partir dessas transformações historicamente socioculturais, muitos trabalhos acadêmicos começaram a ter cada vez mais interesse por estudar os diversos *dialetos sociais* e as *mudanças linguísticas*, assim como outros passaram a relacionar os fatores historicamente sociais com as diferenciações internas nas línguas, dando mais ênfase a uma perspectiva *sincrônica* voltada para os idiomas existentes e falados. Ao mesmo tempo, a linguística consolidou-se ali como uma disciplina acadêmica distinta daquelas que pertenciam à tradição comparatista e filológica que até então dominava as ciências da linguagem na URSS, sendo demasiadamente viável, também, para o projeto político que visava à construção da nova configuração estatal que se procurava afirmar. Isso tudo se refletiu, por exemplo, no esforço desempenhado por linguistas para a criação de alfabetos que conseguissem representar algumas línguas que, até o momento, não se dispunham de um sistema de escrita (Lähteenmäki, 2010).

Embora concebido erroneamente de maneira homogênea, como se se tratasse de um movimento unilateralmente orientado, o sociologismo científico soviético, como brevemente evidenciamos, era, além de bastante diverso em suas abordagens de modo geral, epistemologicamente difuso. Enquanto uns direcionaram os seus trabalhos a partir única e exclusivamente do marxismo, outros, como Chor, partiram de outras bases:

⁸ No original: “Firstly, the dramatic social and economic changes caused by the Revolution were reflected in the Russian language, thus making it evident that language and society are intimately connected. Secondly, many Soviet linguists – like scholars in other academic disciplines too – felt the urge to develop a new Marxist approach to the study of language as opposed to earlier ‘bourgeois’ theories of language” (Lähteenmäki, 2010, p. 35).

A partir da metade dos anos 1920, muitos linguistas soviéticos assumiram que a língua/linguagem é um fenômeno social que deve ser estudado através de uma metodologia sociológica. A despeito do aparente consenso em torno da própria natureza da língua/linguagem, não havia unanimidade sobre em que tipo de sociologia a lingüística deveria se basear. A situação não se modificou muito desde o final dos anos 1920 e início dos anos 1930, quando a “Nova Teoria da Linguagem”, de Marr, tornou-se a tendência dominante na lingüística soviética. Em muitos casos, os autores que insistiam na necessidade de uma explicação sociológica da língua/linguagem não foram explícitos sobre o que realmente queriam dizer com “sociologia”. Assim, a noção de sociologia permaneceu implícita, e seus pressupostos teóricos extrapolaram suas caracterizações da relação entre língua/linguagem e sociedade. Isso também vale para aqueles linguistas que estiveram ativamente engajados na criação de uma nova “lingüística marxista” (Lähteenmäki, 2010, p. 36, tradução nossa).⁹

Para a formação desse sociologismo, confluíram, portanto, não somente diferentes fundamentos epistemológicos, mas também distintas orientações axiológicas, que, no fundo, representavam *visões políticas* relativamente díspares, o que se refletia sobretudo na maneira como determinados pensadores relacionavam-se com o marxismo vigente. Mas, de todo modo, um vetor mais ou menos comum acabou por se instituir: aquele que orientava a busca por correlacionar fatores historicamente sociais com aspectos, formas e desenvolvimento das línguas. Além disso, era buscada conjuntamente uma relação não só entre o marxismo e a lingüística.

Diferentemente do que podemos presumir em uma primeira visada, a sociologia acadêmica russa, que ali buscava se consolidar ao refletir-se na sociologia ocidental, passou a exercer uma forte influência naqueles pensadores que estavam à procura de uma vertente sociológica nos estudos lingüísticos. Teórica e epistemologicamente diversa como era em seu início, a sociologia russa, então, deve ser também considerada como um dos fatores que contribuíram para que muitos filósofos da linguagem, sociólogos e linguistas levassem a cabo os seus projetos sociológicos (Lähteenmäki, 2010).

Nesse panorama, está a atividade cientificamente teórica de Volóchinov, que, desde o ano de 1922, já se encontrava em Petrogrado (Leningrado a partir de 1924). Em 1925, o filósofo russo, depois de formar-se na Universidade de

⁹ No original: “From the mid-1920s many Soviet linguists took it for granted that language is a social phenomenon which has to be studied using a sociological methodology. Irrespective of the apparent consensus regarding the very nature of language, there was no unanimity regarding what kind of sociology linguistics should be based on. The situation did not change much even in the late 1920s and early 1930s when Marr’s ‘New Theory of Language’ became the dominant trend in Soviet linguistics. In most cases authors who insisted on the necessity of a sociological account of language were not explicit about what they actually meant by ‘sociology’. Accordingly, the notion of sociology remained implicit, and their theoretical background assumptions have to be extrapolated from their characterisations of the relation between language and society. This also holds true of those linguists who were actively engaged in the creation of new ‘Marxist linguistics’” (Lähteenmäki, 2010, p. 36).

Leningrado em 1924, passou a ser *colaborador* no ILIAZV, *Institut Sravnitelnoi Istórii Literatúri e lazíkov i Vostóka* (Grillo; Américo, 2019). Além de ter atuado como docente e em funções administrativas nesse instituto, Volóchinov integrou um projeto dessa instituição que almejava à criação de uma *abordagem sociológica* das línguas e das literaturas, a chamada *poética sociológica* (Grillo; Américo, 2019). Foi nesse período que concebeu o seu livro *MFL*, publicado em 1929, em que o primado filosófico da interação social está sistematicamente proposto como o princípio axiologicamente orientador de um método sociológico na filosofia da linguagem.

4. O primado filosófico da interação social: a construção interindividual do enunciado

O primado da interação social em *MFL* não é claramente projetado nos termos que aqui trazemos. É uma ideia que está sistemática, mas difusamente construída e definida ao longo de toda essa obra e de outras mais de Volóchinov (2017 [1929], 2019 [1930a], 2019 [1930b], 2019 [1930c]). Trata-se de uma ideia que também ocupa um lugar central no plano epistêmico da teoria desenvolvida pelo filósofo russo, justamente por ser proposta como uma *representação teórica* daquele fator que é determinante para que a linguagem possa ser compreendida como comunicação discursiva (2017 [1929]). Mas Volóchinov (2017 [1929]) vai além: a interação social é apresentada por ele como a própria condição de possibilidade tanto da *existência socialmente humana*, quanto da constituição e do desenvolvimento da consciência individual (Volóchinov, 2017 [1929]).

Ao procurar fundamentar o seu entendimento epistêmico a respeito do *signo enquanto unidade estritamente ideológica* – isto é, unidade de *representação valorativa* através da *significação* –, buscando refutar, ao mesmo tempo, as tendências *positivistas* e *idealistas* de compreensão dos problemas referentes à consciência, à cultura e à linguagem, Volóchinov (2017 [1929], p. 95, grifo do autor) afirma categoricamente que “[...] o signo surge apenas no processo de interação *entre* consciências individuais”. E, na sequência, diz que “uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de *interação social*” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 95, grifos nossos).

É profundamente complexo o fundamento teórico sobre o qual se edifica esse sociologismo volochinoviano. Por um lado, como Costa (2017) explica, ele é axiologicamente motivado, de forma direta e indireta, pelo marxismo soviético. Desde a assunção crítica de parte das definições do conceito de ideologia tais como estabelecidas por Plekhánov, Bukhárin e Lênin, até o embasamento relativamente *empiriocriticista* derivado do leninismo, a teoria filosófica

volochinoviana é epistêmica e epistemologicamente marcada por essa vertente sociologicamente marxista (Costa, 2017). Por outro lado, a filosofia volochinoviana é intrinsecamente atravessada por outras tradições filosóficas, como, por exemplo, o *historicismo* de Wilhelm Dilthey [1833-1911] (Tylkowski, 2012) e, como é apresentado por Grillo (2017), o neokantismo de Ernst Cassirer [1874-1945].

De acordo com o nosso entendimento, se os marxistas fizeram com que a filosofia de Volóchinov (2017 [1929]) buscasse se interessar pela *realidade histórica* dos fenômenos, o historicismo e o neokantismo a fizeram afastar-se parcialmente do *empirismo excessivo* característico do marxismo ali vigente. A importância dada por Volóchinov (2017 [1929]) às questões referentes à consciência não é uma questão exclusivamente tratada como um modo de tentar delimitar um objeto a ser conhecido e definido – no caso, a consciência. É, antes, um indício do próprio caminho epistemológico escolhido pelo filósofo russo para tratar dos demais fenômenos a que ele se refere.

Ora, se, no conjunto das suas considerações filosóficas, a consciência é definida, enquanto um conceito, em termos de uma *unidade aberta e processual funcionalmente signica e ideológica*, que é *ativa* porque se impõe à realidade das coisas através da significação e da ideologia, mas que é completamente dependente da interação social que a faz tornar-se plenamente um *território interindividual*, um *fato social e ideológico* (Volóchinov, 2017 [1929]), temos manifesta a tentativa volochinoviana de realizar o que Grillo (2017) denomina de *síntese dialética entre idealismo neokantiano e sociologia marxista*. É sobre esse fundamento que se estrutura tanto a ideia do primado da interação social, quanto a particularidade do sociologismo volochinoviano.

Mas não é somente em relação à formação e ao desenvolvimento da consciência e, particularmente, do signo que é proposta a interação social como a sua razão motivadora. A interação social é colocada como diretamente atrelada às formas de comunicação discursiva, isto é, de *interação social através da linguagem* (Volóchinov 2017 [1929]; 2019b [1930]). Como resposta crítica tanto à tradição saussureana, chamada por ele de *objetivismo abstrato*, quanto à idealista, denominada de *subjetivismo individualista*, Volóchinov (2017 [1929]) propõe que a linguagem deva ser vista em *sua realidade*, ou seja, no modo como se revela em seu uso historicamente efetivo nas organizações sociais. E isso é proposto pelo filósofo russo tanto em termos de uma concepção que busca definir a origem da linguagem e das línguas (Volóchinov, 2019a [1930]), quanto em termos do objeto de análise e de conhecimento de uma perspectiva filosófico-linguística fundamentada por um método sociológico: o *enunciado* (Volóchinov, 2017 [1929]; 2019b [1930]).

De fato, o primado da interação social, que determina que a linguagem seja epistemologicamente compreendida como interação discursiva, encontra no conceito

de enunciado a sua máxima expressão. Assim como o *signo ideológico* que o constitui e a consciência que o realiza, o enunciado, seja exterior, objetivamente expresso, seja interior, enquanto *discurso interior*, a vivência ainda não objetivada, “[...] se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 204).

É por isso que Volóchinov (2017 [1929]) afirma que o enunciado é tanto circunscrito por um horizonte valorativo/social, responsável pela orientação da “[...] criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos; isto é, para um contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, das nossas leis” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 205), quanto direcionado para um *auditório social*, o conjunto representado e pressuposto de interlocutores, presentes ou presumíveis, socialmente constituídos e caracterizados para quem se dirige o ato enunciativo produzido, vetores sociológicos da inalienável *orientação social* do enunciado (Volóchinov, 2017 [1929]; 2019b [1930]).

Ao mesmo tempo, o enunciado é completamente delimitado pela sua *situação social*, a sua *parte extraverbal* (Volóchinov, 2019b [1930]), aquela em que está alocada a comunicação discursiva, e isso ocorre em relação tanto à sua *composição*, quanto ao seu conteúdo: “*a situação social mais próxima e o ambiente social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado*” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 206, grifos do original). E continua:

essa situação mais próxima e os participantes sociais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais do enunciado. As camadas mais profundas da sua estrutura são determinadas por ligações sociais mais duradouras e essenciais, das quais o falante participa (Volóchinov, 2017 [1929], p. 207).

É o primado da interação social, portanto, que leva a filosofia volochinoviana a considerar o enunciado como a *unidade discursiva*, da *linguagem histórica e ideologicamente em uso social*, que se orienta *responsivamente* em relação a enunciados retrospectivos e a enunciados prospectivos, enquanto um *elo* da cadeia da comunicação discursiva. Segundo as nossas palavras, o enunciado é, assim, a *própria realidade fenomenologicamente histórica da linguagem*, o modo como cada indivíduo social realiza a linguagem a partir de si, em interação com o outro, sob a ordem das condições historicamente socioideológicas, isto é, de uma base socioeconômica e de uma superestrutura ideológica (Volóchinov, 2017 [1929]).

Assim proposto e epistemicamente definido, o enunciado passa a ser, por conseguinte, além do conceito que é – ou seja, um objeto cujo conteúdo é

construído pela episteme (conhecimento científico e fundamentado) de uma teoria, enquanto uma proposta de definição epistêmica de um dado fenômeno no mundo –, elevado à categoria de *unidade de análise*, aquela que deve se tornar o *centro* das atenções da consciência científica e ética do cientista da linguagem, o meio de conhecimento do *fenômeno*, assim, que deve ser afirmado, posicionado, definido e circunscrito por uma atitude cientificamente analítico-teórica. É por isso que, a partir de agora, passaremos a considerar o conceito volochinoviano de enunciado de modo mais preciso como uma contribuição enormemente importante para uma semiótica que se queira sociológica.

5. O enunciado como unidade de análise: uma proposta para a semiótica

Toda a discussão da filosofia de Volóchinov, principalmente em *MFL* (2017 [1929]), preocupa-se precisamente com um aspecto do ato de linguagem ao qual podemos dar o nome de *historicamente unioorrente*. Diferentemente de como se busca representar a perspectiva do filósofo russo e a do Círculo de Bakhtin em geral, há ali, porém, um espaço reservado para aquilo que tradicionalmente se chama de *sistema de signos*. Trata-se de um dos polos de constituição dos fenômenos da linguagem, e isso se reflete, por exemplo, em como Volóchinov (2017 [1929]) considera o processo de construção do sentido do enunciado, sentido ao qual o filósofo russo dá o nome de *tema*:

o sentido da totalidade do enunciado será chamado de seu *tema*. O tema deve ser único, caso contrário não teremos nenhum fundamento para falar sobre um enunciado. Em sua essência, o tema deste é individual e irrepitível como o próprio enunciado. Ele expressa a situação histórica concreta que gerou o enunciado (Volóchinov, 2017 [1929], p. 227-228, grifo do original).

É justamente considerar a linguagem como um fenômeno histórico que permite Volóchinov (2017 [1929]) tratá-la em termos de enunciado dotado de uma tema sócio-histórico singular. Mas, para tanto, existe a confluência de um vetor mais ligado aos sistemas de signos, ao qual o filósofo russo dá atenção sob a guarida do seu *modelo dialético*: “justamente com o tema, ou melhor, dentro dele, o enunciado possui também a *significação*” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 228, grifo do original). Trata-se dos elementos do enunciado caracterizados por uma *repetibilidade*, que são “[...] *idênticos a si mesmo* em todas as ocorrências” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 228, grifos do original). Enquanto a significação é divisível segundo as categorias tradicionais da linguística, “o tema do enunciado é essencialmente indivisível” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 229). É por isso que o filósofo russo, em uma definição abstratamente filosófica, mas essencialmente sintética, afirma que “o tema é *um complexo sistema dinâmico de signos que*

tenta se adequar ao momento concreto da formação. O tema é uma reação da consciência em constituição para a formação da existência” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 229, grifos do original).

Concomitantemente, devemos perceber no que é aí definido por Volóchinov (2017 [1929]) que o seu interesse pelos elementos do sistema de signos refere-se majoritariamente aos seus aspectos *semânticos* – e nisso se incluem também o ponto de vista *morfológico*, se pararmos para pensar. Mas a dinâmica proposta por ele é o que de fato nos interessa aqui como ponto a ser destacado como uma contribuição aos estudos semióticos cuja ênfase é o processo de configuração dos sentidos, ainda mais dentro de uma perspectiva em que a cultura é necessariamente compreendida como um *sistema dinâmico de signos* (Lotman, 1996), já que o enunciado é a unidade – tanto no sentido *unificante*, quanto no sentido de base analítica – que congrega a concretude da vida e da convivência dos sujeitos, e não é um construto teórico que corresponde a uma assepsia metodológica que visa reduzir a tal ponto o fenômeno de análise que o desfigure.

Ora, se o enunciado, do ponto de vista volochinoviano, é a unidade que dá corpo, em todos os fatores, tanto ao discurso exterior e objetivado, quanto ao interior – ainda não objetivado e, portanto, circunscrito nos limites da consciência individual, apesar de ser intrinsecamente *dialogado* –, um ponto de vista teórico-analítico que queira entender a constituição dos diversos elementos semióticos no espaço de uma dada sociedade e a cultura enquanto um eixo formado e regido pela lógica da comunicação discursiva não pode se abster de considerar, caso deseje seguir o que propõe Volóchinov (2017 [1929]), o enunciado tal como foi epistemicamente definido por ele, assim como os vetores que se entrecruzam na formação do *sentido da sua totalidade*.

É essencial a uma perspectiva que se pretenda sociológica centralizar o enunciado tendo em vista que se trata de uma unidade de sentido que está *necessariamente* em relação com outro enunciado. É preciso haver a consciência de que é nessa *responsividade* (Volóchinov, 2017 [1929]) que se encontra o princípio orientador de uma prática analítica para a abordagem dos demais *determinantes sociológicos* que entram em ação para fazer com que um enunciado se constitua. Portanto, a delimitação dos elementos da situação de comunicação discursiva se trata de uma premissa que deve ser assumida, para que se consiga atingir a circunscrição dos fatores que contribuem para a construção do tema do enunciado. A questão que aí se impõe, contudo, é: quais e como?

Procurar entender um enunciado enquanto uma produção semiótica é, antes de tudo, compreendê-lo como uma unidade discursiva, isto é, de uso efetivo da linguagem. É compreender, também, que o que há de efetivamente *sígnico* em sua constituição são escolhas baseadas em *atitudes avaliativas* tomadas diante de um auditório social e em um horizonte valorativo/social de uma sociedade

historicamente organizada. Essas atitudes avaliativas são o que marca a *entonação expressiva* do enunciado (Volóchinov, 2017 [1929]), patentes no conjunto de elementos sógnicos (verbais, gestuais, sonoros, visuais etc.) escolhidos para a sua composição. Concomitantemente, temos que considerar que esses elementos extraverbais adentram o enunciado através das significações, e que, ali, subvertem a lógica da repetibilidade que caracteriza esse substrato da construção de sentido.

Do ponto de vista analítico, todavia, temos que considerar uma questão. O tema de um enunciado pode ser almejado como espaço de construção de uma análise se, e somente se, for admitido que há uma bilateralidade. De um lado, há o sentido coconstruído pelos sujeitos em suas interações discursivas, que sofrem comentários e avaliações de uns e de outros. De outro lado, tal tema, ao se tornar um lugar da prática analítica, torna-se também um elo ao qual responde o tema construído por quem o analisa, um tema, obviamente, que é de natureza intrinsecamente epistêmica, metodologicamente coordenado. Nesse jogo, há *um tema sobre um tema, um sentido sobre um sentido*, e é essa prática que demonstra a efetividade dinâmica do espaço analítico no seio de uma cultura e de uma sociedade.

Mas, a fim de darmos um direcionamento final ao que aqui propomos discutir, tomemos como foco de nossas atenções o seguinte quadro (ver Figura 1), com o objetivo de delimitar quais elementos seus metodologicamente podem ser observados segundo a lógica sociológica:

Figura 1: *Hölle der Vögel* (1937-1938), de Max Beckmann [1884-1950].



Fonte: Disponível em <https://www.christies.com/features/Max-Beckmann-Holle-der-Vogel-8401-3.aspx>.

Esse quadro serve como um ponto de partida para materializarmos – sem uma pretensão de análise – alguns elementos da prática de análise filosófico-sociológica que anteriormente elencamos. Para o observarmos como uma produção *semiótico-enunciativa*, que concretiza *traços* de uma cultura em dado momento histórico, devemos considerá-lo na situação social em que está alocada a comunicação discursiva em que se produziu. Os anos de sua produção nos revelam o estado cronológico em que se formou essa situação.

Determinados aspectos significativamente estruturais e da significação desse quadro dão um indício do *expressionismo* que o constitui, símbolo da atitude avaliativa de quem o produziu: os traços grossos e desproporcionais, o uso de cores altamente contrastantes e a quebra da proporcionalidade dos planos nos mostram a objetividade que há no desejo de tentar representar *descaracterizadamente* uma dada realidade. E, nesse sentido, temos que compreender que, direta e indiretamente, esse enunciado, ao ser a concretização de uma perspectiva dentro da cultura – e que contribui para o seu desenvolvimento em nível atômico –, retoma uma série de outros, tanto aqueles que fazem parte do movimento expressionista em geral (outros quadros em que se baseou, manifestos etc.), quanto aqueles que são de outras esferas (discursos políticos, falas cotidianas etc.).

Mas, de um ponto de vista sociológico, esse é um *indício socioideológico forte* que nos lança para o seio da realidade histórica que procura ser ali representada *ideologicamente* por um sujeito ativamente responsivo, em cujo projeto é encontrada a assunção das características estéticas do expressionismo. Lembremo-nos de que se tratava do início da ascensão e da consolidação do nazismo na Alemanha – para o qual, aliás, Beckmann era apenas um *artista degenerado*. Tudo isso compõe o conjunto de elementos que constituem o horizonte valorativo/social de tal enunciado e nos indicam os seus presentes ou presumidos interlocutores imediatos, isto é, uma parte do seu auditório social.

Na composição da pintura, dois recortes ainda reforçam o que dissemos: a ave negra quase ao centro, representativa do Estado alemão, e a figura fortemente descaracterizada ao seu lado, cuja mão em movimento representa a conhecida saudação nazista. Ambas, ao lado da tortura infligida ao humano quase cadavericamente representado, apontam para a atitude avaliativa que caracteriza a posição do sujeito produtor do enunciado. A entonação de crítica através do horror apresentado é um intenso traço do posicionamento refratadamente valorativo de Beckmann e representa a sua resposta ativa – de quem condena a barbárie à vista –, por exemplo, a uma parte do seu auditório social, àquela constituída exatamente por todos os adeptos, presentes ou presumidos, do nazismo vigente. Tudo isso forma a *dialogicidade interior* do enunciado em questão e projeta a sua constituição para outras temporalidades históricas ao estar aberto à responsividade prospectiva de tantos outros. É assim que tal

enunciado cumpre uma *função socioideológica*, sem se desvincular jamais do horizonte em que se produziu.

Logo, todos os seus aspectos sîgnicos são, do ponto de vista sociológico volochinoviano, componentes de uma *atitude ativamente responsiva* não só a outros enunciados aos quais se liga necessariamente, mas a *toda a sua situação historicamente social*. E é isso que o faz ser uma *mônada ideológica* particular do contexto discursivo daquela conjuntura. É tendo isso em vista que conseguimos vislumbrar como uma atitude sociologicamente semiótica pode procurar entrar no cerne das produções semióticas humanas concebendo-as como enunciados. Isso tem repercussões para uma visão teórica que considera a cultura como um sistema semiótico (Lotman, 1996), vez que a dinâmica da complexa existência historicamente social, baseada em uma alteridade conflituosa na linguagem, passa a ser encarada como um eixo determinante da constituição semiótica da cultura, que se torna, portanto, um sistema profundamente arraigado à história e cuja formação sîgnica/semiótica é plausivelmente analisável pela lógica do sociologismo volochinoviano.

Considerações finais

Antes de tudo, queremos ressaltar que, em momento nenhum, objetivamos esgotar um debate tão profundo e multifacetado como o que aqui procuramos realizar. Acreditamos, porém, que conseguimos passar pelos aspectos mais centrais do que nos propomos a discutir. A perspectiva histórico-epistemológica que nos embasa certamente nos proporcionou uma entrada adequada no tema da nossa discussão. Como vimos, tratar do percurso de um campo como a semiótica demanda de quem o faz um fôlego que ultrapassa o âmbito de um artigo. Mesmo assim, buscamos evidenciar como Volóchinov já esteve presente na reflexão de um dos maiores semioticistas e pensadores da história das ideias, Lotman.

Creemos também que conseguimos esclarecer parcialmente o caráter histórico do sociologismo no seio do qual se formou a filosofia da linguagem volochinoviana. Trata-se de um tema ainda não muito debatido no contexto acadêmico brasileiro e que deve ser mais desenvolvido em trabalhos subsequentes – nossos e de outros –, pois se revela extremamente necessário para a nossa compreensão do momento histórico em que se situa a produção geral do filósofo russo. Tudo isso fizemos, porém, com o claro objetivo de evidenciar o primado filosófico da interação social na sua filosofia e de demonstrar como é um pressuposto necessariamente atrelado à sua definição de enunciado.

Na última seção, tentamos delinear alguns princípios que devem ser levados em consideração caso seja desejada uma aproximação dos estudos

semióticos com a filosofia da linguagem sociológica de Volóchinov. Apontamos em quais aspectos o conceito de enunciado pode contribuir com os estudos semióticos, principalmente em uma análise que busque enfatizar as relações historicamente fundamentais que entram em jogo no processo de construção de um enunciado e na constituição de uma cultura, que pode ser, sim, analisada como um sistema semiótico. Esperamos que, antes de tudo, este artigo tenha a capacidade de despertar outros tantos que possam, na mesma toada, buscar uma atitude interdisciplinar nas ciências da linguagem, bem como possa realizar responsabilmente a sua função socioideológica na divulgação científica do tema que aqui foi proposto. ●

Referências

- AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. *Alguns aspectos da semiótica da cultura de Iúri Lotman*. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura Russa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-07112012-124602/pt-br.php>. Acesso em: 26 set. 2023.
- ARISTÓTELES. *Da interpretação*. Edição bilíngue. Trad. José Veríssimo da Mata. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.
- BORGES, Jorge Luís. Kafka y sus precursores. In: BORGES, Jorge Luís. *Obras Completas*. Buenos Aires: Emecé, 1989 [1951]. p. 710-712.
- COSTA, Luiz Rosalvo. *A questão da ideologia no círculo de Bakhtin e os embates no discurso de divulgação científica na revista Ciência Hoje*. Cotia: Ateliê Editorial, 2017.
- GRILLO, Sheila; AMÉRICO, Ekaterina. Registros de Valentin Volóchinov nos arquivos do ILIAZV. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 7-56.
- GRILLO, Sheila. Marxismo e filosofia da linguagem: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 7-79.
- LÄHTEENMÄKI, Mika. 'Sociology' in Soviet Linguistics of the 1920–30s: Shor, Polivanov and Voloshinov. In: BRANDIST, Craig; CHOWN, Katya (org.). *Politics and the theory of language in the USSR, 1917-1938: the birth of sociological linguistics*. Nova York: Anthem Press, 2010. p. 35-51.
- LOTMAN, Iuri Mijáilovich. El texto en el texto. In: LOTMAN, Iuri Mijáilovich. *La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto*. Trad. Desiderio Navarro. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996 [1981]. p. 64-76.
- MACHADO, Irene. *Escola de semiótica: a experiência de Tartur-Moscou para o estudo da cultura*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.
- OLIVEIRA, Carlos Eduardo. Uma teoria dos signos e das afecções: Guilherme de Ockham e os fundamentos da crítica à teoria das species. *Analytica*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 195-225,

2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/analytica/article/view/604>. Acesso em: 26 set. 2023.

ПОЛИВАНОВ, Евгений. *За марксистское языкознание*. Москва (Moscou): Издательство "Федерация", 1931.

TODOROV, Tzvetan. *Teorias do símbolo*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.

TYLKOWSKI, Inna. *Vološinov en contexte*. Essai d'épistémologie historique. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2012.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário I: o que é a linguagem/língua? *In*: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia*. ensaios, artigos, resenhas e poemas. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019a [1930]. p. 234-265.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia*. ensaios, artigos, resenhas e poemas. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019b [1930]. p. 266-305.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário III: a palavra e sua função social. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia*. ensaios, artigos, resenhas e poemas. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019c [1930]. p. 306-336.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

ШОР, Розалия. *Язык и общество*. 3-е. Москва (Moscou): Книжный Дом, 2010 (1926).

A contribution from Voloshinov's philosophy of language to semiotic studies

 VILLARTA-NEDER, Marco Antonio

 CASTRO DIAS, Fábio Luiz de

Abstract: This article aim to discuss how Voloshinov's philosophy of language (2017 [1929]) can contribute to semiotic studies, especially in its philosophically sociological character. First, we start with a definition of the historical-epistemological perspective that characterizes our reflection, and we highlight one of the moments in which Voloshinov's philosophy was explicitly present in the work of Juri Lotman [1922-1993], one of the most important semioticians. Second, we characterize the sociologism of 1920s and 1930s in the USSR in which Voloshinov worked scientifically, a factor that greatly contributed to define his philosophy of language as an epistemically sociological stance. Finally, we begin to discuss, after a brief debate on the philosophical primacy of social interaction that is presupposed by that philosophy, how Voloshinov's concept of enunciation (2017 [1929]) can serve as a starting point for a semiotic in a sociological hue. This article aims to contribute to the defense of interdisciplinary logic in the field of language studies. In addition, it is intended to participate in epistemological and historical approach to ideas.

Keywords: Bakhtin Circle; Voloshinov; sociologism; semiotics.

Como citar este artigo

VILLARTA-NEDER, Marco Antonio; CASTRO DIAS. Fábio Luiz de. Uma contribuição da filosofia da linguagem de Volóchinov para os estudos semióticos. *Estudos Semióticos* [online], vol. 19, n. 3. São Paulo, dezembro de 2023. p. 189-208. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

VILLARTA-NEDER, Marco Antonio; CASTRO DIAS. Fábio Luiz de. Uma contribuição da filosofia da linguagem de Volóchinov para os estudos semióticos. *Estudos Semióticos* [online], vol. 19, issue 3. São Paulo, December 2023. p. 189-208. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 31/05/2023.

Data de aprovação do artigo: 24/07/2023.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

